

O dia hoje amanheceu mal humorado...
Tentei fitar o céu e via só fumaça...
Faço poesia, nada mais há que se faça,
quando se fica pela chuva enclausurado.
Hora do almoço, o tempo fúnebre e nublado...
Olho o relógio, vejo a hora que não passa...
Enquanto os pingos tamborilam na vidraça,
pego a caneta para dar o meu recado.
A noite vem chegando e a chuva continua;
não há ninguém lá fora está deserta a rua,
mas não vou reclamar, estou já no terçeto...
nem vou ficar de mau humor e contrafeito:
do que é adverso, de algo sempre me aproveito...
O dia não foi mau... até fiz um soneto!

Antonio Valentim Rufatto,
em Sem Limites 0306

Velha paineira, eu leio a tua história
nesse tronco inclinado e carcomido,
nessas letras que guardam a memória
de corações flechados por Cupido.
Nas flores que te emprestam sua glória
na estação de esplendor e colorido,
ou na fase sombria e merencória,
que atinge cada ramo enristecido.
Como eu sinto não ter o dom latente,
(quando pouso nas flores uma abelha),
para gravar-te em tela, eternamente!
Mas ficas em meu verso, árvore torta;
pois antes que eu nascesse, já eras velha...
E antes que seques... eu já estarei morta.

Dorothy Jansson Moretti, *Árvore Torta*,
em Fanal 0311

Formosa, qual pincel em tela fina
debuxar jamais pôde ou nunca ousara;
formosa, qual jamais desabrochava
na primavera a rosa purpurina;
formosa, qual se a própria mão divina
lhe alinhara o contorno e a forma rara;
formosa, qual jamais no céu brilhara
astro gentil, estrela peregrina;
formosa, qual se a natureza e a arte,
dando as mãos em seus dons, em seus labores,
jamais soube imitar no todo ou parte;
mulher celeste, oh! anjo de primores!
quem pode ver-te, sem querer amar-te?
quem pode amar-te, sem morrer de amores?!

Maciél Monteiro, *Soneto*, em *Grandes Sonetos da Nossa Língua*,
de José Lino Grunewald, 1988

SELEÇÕES EM FOLHA

mfinenendez@ig.com.br

Ano 7, Nº 12 – 2003, DEZEMBRO

Assinatura até Dezembro de 2004: 12 selos postais de R\$ 0,50
ou informe seu E-Mail para remessa.

¿Qué importa que tu puñal
se me clave en el riñón?
¿Tengo mis versos, que son
más fuertes que tu puñal!

¿Qué importa que este dolor
seque el mar, y nuble el cielo?
El verso, dulce consuelo,
nace alado del dolor.

Aquí está el pecho, mujer,
que ya sé que lo herirás:
¿Más grande debiera ser,
para que lo hirieses más!

Porque noto, alma torcida,
que en mi pecho milagroso,
mientras más honda la herida,
es mi canto más hermoso.

José Julián Martí 1853-1895, de *Versos Sencillos XXXV e XXXVII*
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Torna um sonho em realidade
e verás, com ironia,
que por mais que ela te agrade
foi mais bela... a fantasia.

Devo tudo quanto sou
e a vida me concedeu,
à mãe que Deus me levou
e à mulher que Ele me deu.

Quem vê o Tietê se admira
pois, pelo lixo que abunda,
canoas ali já nem vira,
e se virar... não afunda!

Transporte não é lixeira
para sujarmos sem tino:
é a condução companheira
a nos levar ao destino.

Foi recordando o passado
que pude, enfim, entender
todo o tesouro guardado
na fortuna de viver!

O gordo abade rezava:
– ...E dai-nos o pão, amém!
Mas, Senhor, acrescentava,
passa manteiga, também!

Quebra-me os desejos
a dor, dura de agüentar.
Sou um paradoxo.

Aaron Ashlock

Dons da natureza
nos cercam em amável som
aonde estivermos.

Becky Casey

Perigo espreitando,
fique longe do alto mar...
Aliás, salte no lago.

Dana Ashmore

Rio abaixo estronda
em peso, a queda infinita.
Respingos em meus ombros.

Evan Baughfman

Cursor impaciente
ansiando revelações
piscando na página.

Ginger Baum

Cena do poente
pinhos contornam o lago
neve sobre os montes.

Lucy Aegerter

Adélia Victória,
em Fanal 0311

Carlos Guimarães,
em Sem Limites 0306

José Ouverney,
em Trevo na Trova 2º Semestre 2003

Manoel F. Menendez

Maria Aparecida Lóiola,
em Trovalegre 0311

Newton Meyer Azevedo,
em Sem Limites 0310

M E N T I R O S O !

H. R. F. Keating, em Ellery Queen – Mistério Magazine 21, agosto de 1978

– Mentiroso! Mentiroso! – cantarolou Paul arrelhando.
– Eu não sou, você que é.
– Quietos – ordenou a mãe. – O filme está no fim.
Steve sentou-se em cima das pernas, no sofá, ao lado da mãe e ficou o mais quieto que pôde. Gostava da televisão dos adultos, mesmo se às vezes não entendesse tudo muito bem. Achava-a importante.
Quando o filme terminou ele pediu:
– Posso ficar mais um pouco? Só para ver os comerciais. – O pai deixou (como Steve já esperava). Então começou *Polícia Cinco*, programa onde passavam crimes reais e pediam aos telespectadores para ajudar a polícia.
Foi aí que ele viu a faca.
Apareceu logo no começo e o homem disse:
– Você já viu esta faca? É do tipo que há alguns anos era vendido às centenas para uso na cozinha; tem uma fenda diferente no cabo. Se você a reconhece, não importa quem seja seu possuidor, entre logo em contato com a polícia.
Quando estavam dando o número da delegacia, a mãe de Steve levantou-se num salto e mandou-o ir imediatamente para a cama. Ele sabia por quê. Aquela delegacia de polícia era conhecida deles. Tinha estado lá com a mãe quando ela achou uma nota de 5 libras na calçada.
Agora estava sendo tocado da sala, de volta para a cama, justo na hora que iam falar sobre o rapaz que tinha assaltado uma tabacaria, contando não encontrar ninguém lá; mas o proprietário “com muita coragem” lutou com ele e foi atacado com a tal faca que o assaltante deixou cair e fugiu; o homem estava no hospital gravemente ferido. Steve mal pôde ouvir aquilo que a mãe não queria que ele ouvisse. No momento em que desligou o aparelho, deviam estar apresentando o retrato falado do assaltante, porque Steve ouviu o pai dizer para Paul:
– Deve ter sido um desses desocupados de cabelos compridos que andam por aí. Podia até ser você, filho. Vocês todos se parecem.

Era terrível pensar, sozinho no escuro, que podia realmente ter sido Paul. Porque, apesar dos pais não terem reconhecido a faca, Steve a reconheceu – ou pelo menos estava quase certo de que Paul tinha uma igual. Não era uma faca de cozinha. E, mesmo que fosse, de qualquer forma não estava sendo usada para esse fim. Era uma faca velha que estava na parte de trás da prateleira das ferramentas desde quando Steve conseguiu ver àquela altura.
Ninguém a usava mais. Era uma dessas coisas que são guardadas porque pode servir algum dia. Steve não tinha certeza se a fenda era idêntica à da TV. A apresentação não foi muito nítida, mas a fenda era muito parecida com a da faca que ele conhecia.

– Desajava poder sair da cama e ir até a prateleira para ver. Mas não podia. Se o apanhassem fora da cama de novo, não acreditariam numa só palavra do que ele dissesse.
De manhã cedo, antes que os outros acordassem, a primeira coisa que fez foi ir pé ante pé até a prateleira das ferramentas. A faca não esta mais lá! Procurou por toda parte, mas não a encontrou.
Então precisou fazer a si mesmo a pergunta que não queria fazer. O rapaz do retrato falado seria realmente Paul? A faca que apareceu na TV seria a de sua casa? Teria Paul atacado o dono da tabacaria? Paul estava sempre se queixando de não ter dinheiro suficiente para comprar cigarros, e o pai dizia que era melhor não fumar. Tudo se ajustava. O que devia fazer? Pensou em contar para a mãe. Mas iriam gritar com Paul e mesmo que não tivesse feito nada já estava encrencado com outras coisas, como fumar, deixar o quarto em completa desordem e perder tempo na discoteca com aquela tal de Luísa. Não, a menos que tivesse certeza, não podia falar. Precisava perguntar para Paul.
Nessa noite, depois do jantar, Steve bateu na porta do quarto dele (Paul ficava zangado quando ele entrava sem bater), entrou e perguntou:
– Paul, você viu aquela faca velha que ficava atrás, na prateleira das ferramentas?
– Não, não vi – respondeu Paul, olhando com raiva, deitado na cama desarrumada onde estava lendo. – E o que você quer com ela para vir me amolar aqui sem mais nem menos?
– Eu queria saber se a faca estava com você.
– Que faca?
– Você sabe, aquela que sempre esteve na prateleira.
– Nunca ouvi falar nisso. Com certeza você a tirou de lá e agora não sabe onde largou. Você está sempre fazendo o que não deve, depois mente.
– Eu não minto.
– Mente, sim. Já esqueceu quando pegou a tesoura de mamãe e jurou que não a tinha visto? Depois ela apareceu debaixo de uma pilha de coisas no seu quarto? E quando você “emprestou” minha lanterna e depois mentiu?

Dai para a frente a discussão virou briga e Steve não se lembrava mais como tinha começado; Paul cantava: Mentiroso! Mentiroso! até que Steve saiu correndo antes que começasse a chorar.
Depois disso não aconteceu mais nada. Steve quase esqueceu a faca. Mas na terça-feira seguinte, quando a mãe e o pai iam sair para o jogo quinzenal na casa dos Allison, os policiais apareceram. Perguntaram se lá morava alguém com idade entre 15 e 25 anos. O pai chamou Paul e os policiais disseram que estavam fazendo per-

guntas de casa em casa sobre o caso da fachada na tabacaria.
– Onde Paul tinha passado a noite de terça-feira, quinze dias atrás?
– Em casa, amigo – respondeu muito alegre. – Em casa a noite toda. Era meu dia de tomar conta de meu irmão menor.
Mas Steve sabia que era mentira.
Paul esteve em casa, mas só durante certo tempo. Quando achou que o irmão estava dormindo, tinha saído de mansinho. Mas Steve não dormia, estava lendo embaixo das cobertas com a lanterna que ganhou depois da briga por ter “emprestado” a lanterna de Paul. Ouviu o portão abrir, espiou por trás da cortina e viu Paul saindo. Agora Paul dizia que não tinha saído a noite toda.
Assim, afinal, ele não estava muito enganado sobre o negócio da faca. Paul devia tê-la levado. Não era de admirar que o retrato falado se parecesse com ele. Devia ser realmente Paul a pessoa que viram quando fugia. Paul era praticamente um assassino.
De repente Steve sentiu-se mal, e apesar de estar fazendo calor, estava gelado. Sentou-se no alto da escada, em frente ao seu quarto, incapaz de dar um passo. Na sua cabeça as palavras do homem da TV martelavam: “Se reconhecer a faca, não importa quem a tenha, entre em contato com a polícia”. Quase sem pensar lembrou que os pais tinham saído para jogar cartas naquela noite.
E, de súbito, levantou-se como se fosse um robô programado para fazer o que ele ia fazer. Desceu silenciosamente a escada, viu Paul na cozinha, abriu a porta devagar e saiu.
Não teve muito trabalho para encontrar os policiais; estavam duas casas adiante. Foi falar com eles; parecia ouvir as palavras da televisão “entre em contato com a polícia” e fez o que sabia que devia fazer. Certas coisas eram tão importantes que precisavam ser contadas, não importava a quem se referiam. E ele contou.
Os policiais se entreolharam e dirigiram-se para sua casa. O portão tinha se fechado por si; precisaram bater. Paul atendeu logo, muito admirado de ver Steve do lado de fora. Os policiais disseram com voz severa que Steve tinha motivos para crer que Paul não dissera a verdade quando afirmou ter ficado em casa a noite toda há quinze dias.
Steve começou a se sentir mal, como se estivesse matando seu próprio cachorrinho porque tinha uma doença perigosa. Não conseguia olhar para Paul. E quando o policial perguntou-lhe a que horas Paul tinha saído de casa na penúltima terça-feira, Steve mal conseguiu responder.
Mas surpreendentemente Paul não gritou com ele como costumava fazer quando estava zangado. E dessa vez Steve esperava um barulho

pelo menos vinte vezes pior do que os outros. Em vez disso Paul falou com voz calma, muito sério, não da maneira fingida como tinha falado antes com os policiais.
– Sim, Steve tem razão. Eu não estive em casa todo o tempo.
Puxa, pensou Steve, “então é verdade! E é ainda pior do que imaginei.”
– Vamos entrar? – disse o detetive.
Sem dizer nada, entraram.
– Vamos, que tal dizer-nos toda a verdade?
Steve estava quieto, quase congelado. Se pudesse parar tudo e fazer o que tinha vontade, sumiria no ar.
– Sim – disse Paul –, eu menti antes. Mas, vejamos, meus pais estavam presentes. Eu pretendia ficar com meu irmão todas as terças-feiras que eles saem, mas naquela noite eu saí quando pensei que Steve estava dormindo e fui à discoteca.
Os detetives estavam desapontados.
– E suponhamos que não encontrou ninguém conhecido.
– Mas eu encontrei – disse Paul. – Fui ver minha namorada, estivemos juntos todo o tempo, até quase a hora de meus pais voltarem. Ela mora perto daqui, podem ir lá perguntar.
Um dos detetives saiu.
– Mas, a faca? – perguntou Steve encontrando motivo para se mexer. – A faca não está mais na prateleira.
– Faca? – perguntou Paul. – Você está se referindo àquela faca de que me falou um dia destes?
Steve concordou com a cabeça, não podia falar.
– Mas eu a encontrei – disse Paul. – Usei-a para abrir uma lata de tinta e a esqueci no meio dos meus discos. Veja.
Realmente ele apanhou a faca numa pilha de discos.
– É – disse o policial. – É muito parecida com a faca encontrada na tabacaria, mas a marca no cabo é diferente.
Um minuto depois o outro policial voltou:
– Uma boa menina, a sua Luísa.
E os dois foram embora sem se zangar, como Paul e Steve estavam esperando.
– Faz parte do dia de trabalho – disse um deles.
– Eu diria antes, da noite de trabalho – disse o outro olhando o céu escuro.
Paul nada disse sobre o engano quando a porta se fechou. Sorriu para Steve aquele sorriso que era uma ordem para ir para a cama, apagar a luz e dormir.
– Estou indo – disse Steve.
Não se importou muito, pois embaixo das cobertas estavam o livro e a lanterna à sua espera.

Meu Senhor, tende piedade dos que andam de bonde e sonham no longo percurso com automóveis, apartamentos... Mas tende piedade também dos que andam de automóvel quando enfrentam a cidade movediça de sonâmbulos, na direção.

Tende piedade das pequenas famílias suburbanas e em particular dos adolescentes que se embendam de domingos mas tende mais piedade de dois elegantes que passam e sem saber inventam a doutrina do pão e da guilhotina.

Tende piedade do mocinho franzino, três cruzeiros, poeta que só tem de seu as costelas e a namorada pequenina mas tende mais piedade ainda do impávido forte colosso do esporte e que se encaminha lutando, remando, nadando para a morte.

Tende piedade dos músicos de cafés e casas de chá que são virtuosos da própria tristeza e solidão mas tende piedade também dos que buscam o silêncio e súbito se abate sobre eles uma ária da Tosca.

Não esqueci também em vossa piedade os pobres que enriqueceram e para quem o suicídio ainda é a mais doce solução mas tende realmente piedade dos ricos que empobreceram e tornaram-se heróicos e à santa pobreza dão ar de grandeza.

Tende piedade dos vendedores de passarinhos que em suas alminhas claras deixam a lágrima e a incompreensão e tende piedade também, menor embora, dos vendedores de balcão que amam as freguesas e saem de noite, quem sabe aonde vão...

Tende piedade dos barbeiros em geral, e dos cabeleiros que se efeminam por profissão mas que são humildes nas suas carícias mas tende maior piedade ainda dos que cortam cabelo: que espera, que angústia, que indigno, meu Deus!

Tende piedade dos sapateiros e caixeiros de sapataria que lembram madalenas arrependidas pedindo piedade pelos sapatos mas lembrai-vos também dos que se caçam de novo nada pior que um sapato apertado, Senhor Deus.

Tende piedade dos homens úteis como os dentistas que sofrem de utilidade e vivem para fazer sofrer mas tende mais piedade dos veterinários e práticos de farmácia que muito eles gostariam de ser médicos, Senhor.

Tende piedade dos homens públicos e em particular dos políticos pela sua fala fiável, olhar brilhante e segurança dos gestos de mão mas tende piedade ainda dos seus criados, próximos e parentes: fazei, Senhor, com que deles não saiam políticos também.

E no longo capítulo das mulheres, Senhor, tende piedade das mulheres castiga minha alma, mas tende piedade das mulheres enlouqueci meu espírito, mas tende piedade das mulheres ulcerai minha carne, mas tende piedade das mulheres!

Tende piedade da moça feia que serve na vida de casa, comida e roupa lavada da moça bonita mas tende mais piedade ainda da moça bonita que o homem molesta – que o homem não presta, não presta, meu Deus!

Tende piedade das moças pequenas das ruas transversais que de apoio na vida só têm Santa Janelinha da Consolação e sonham exaltadas nos quartos humildes os olhos perdidos e o seio na mão.

Tende piedade da mulher no primeiro coito onde se cria a primeira alegria da Criança e onde se consuma a tragédia dos anjos e onde a morte encontra a vida em desintegração.

Tende piedade da mulher no instante do parto onde ela é como a água explodindo em convulsão onde ela é como a terra vomitando cólera onde ela é como a lua parindo desilusão.

Tende piedade das mulheres chamadas desquitadas porque nelas se refaz misteriosamente a virgindade mas tende piedade também das mulheres casadas que se sacrificam e se simplificam a troco de nada.

Tende piedade, Senhor, das mulheres chamadas vagabundas que são desgraçadas e são exploradas e são infecundas mas que vendem barato muito instante de esquecimento e em paga o homem mata com a navalha, com o fogo, com o veneno.

Tende piedade, Senhor, das primeiras namoradas de corpo hermético e coração patético que saem à rua felizes mas que sempre entram desgraçadas que se crêm vestidas mas que em verdade vivem nuas.

Tende piedade, Senhor, de todas as mulheres que ninguém mais merece tanto amor e amizade que ninguém mais deseja tanta poesia e sinceridade que ninguém mais precisa tanto de alegria e serenidade.

Tende piedade delas, Senhor, que são puras que são crianças e são trágicas e são belas que caminham ao sopro dos ventos e que pecam e que têm a única emoção da vida nelas.

Tende piedade delas, Senhor, que uma me disse ter piedade de si mesma e da sua louca mocidade e outra, à simples emoção do amor piedoso delirava e se desfazia em gozos de amor de carne.

Tende piedade delas, Senhor, que dentro delas a vida fere mais fundo e mais fecundo e o sexo está nelas, e o mundo está nelas e a loucura reside nesse mundo.

Tende piedade, Senhor, das santas mulheres dos meninos velhos, dos homens humilhados – sede enfim piedoso com todos, que tudo merece piedade e se piedade Vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!

Marcus Vinícius Cruz de Moraes ou Vinícius de Mello Moraes 1913-1980, O Desespero da Piedade; em Obras Primas da Poesia Universal (Sérgio Millet da Costa e Silva 1898-1966), 3ª Edição 1963

Eu quero um beijo glauberiano, que me devolva o insano riso o instante impreciso das línguas corrompendo as horas.

Eu quero um beijo, tem que ser lá fora no quinto do mundo, onde num segundo os lábios se maltratam mas não se desatam deste gosto quente, deste gesto em frente toda vizinhança.

Eu quero um beijo que interrompa a dança desta despedida.

E que tire do sério todo este hemisfério de razão contida.

No centro das casas, no centro das salas das casas, pessoas ruminam imagens e sonham criar asas.

Quando se deitou, fechou os olhos e disse boa noite. Cláudia Raia estava em sua cama. Ao despertar pela manhã, sorriu com dentes brancos e hábito duro e disse bom dia para Carolina Ferraz que preparava o desjejum.

Almoçou com Patrícia Pillar e foi ao shopping com Luana Piovani. Chegou em casa e abriu uma cerveja.

– O jantar está na mesa – disse Sílvia Pfeiffer. Quando deu por si a televisão havia desaparecido, olhou no quarto, no banheiro e nada. Que absurdo, quem roubaria um aparelho de 14 polegadas usado?

Na delegacia, registrou queixa com Cid Moreira, disse que sem televisão não havia cotidiano, mas permaneceu confiante que aquele capítulo terminaria feliz. Olhou para o céu e murmurou no ouvido de Deus:

– O final, você decide.

A quietude que jorra dos apartamentos não é a infinita miséria, espera de mais um milênio. Um telefonema basta, para despertar o gênio da felicidade. O que gira em mim não é o vestígio dos dias, mercados no supermercado, recado na secretária eletrônica. O que tira o meu pique, não é o clique em destroços, peles e ossos na lente de Sebastião Salgado, a vida degado polindo a imagem, mensagem ao primeiro mundo. No fundo, dor e prazer compõem o calafrio da vida, presságios na estrada, o nada e o tudo multifacetados. Cansado para um recoqueio, adormeço e deixo por conta da alma o trajeto do sonho.

– Mas o sonho acabou, disse Zé da Farinha, dono da padaria. Agora só temos rosquinha.

Beijo

Televisão


Fatalidade

Edmilson Felipe, de O Susto do Sapiens – Ensaios antropológicos; Edições Ciência do Acidente, 2000 – Contate o autor: dimi2000@zaz.com.br

Feliz Natal e Feliz Ano Novo!

Larissa, Látia e Caio, Iracema e Manoel

| TEMAS DA SAZÃO | | (QUIDAI)S VERÃO |
|---|--|--|
| Bolos, presentes e abraços, Dia do Arquiteto. Alison Cardoso de Oliveira | ansia alegre noitada... – Ceia de Natal. Fernando L. A. Soares | abrindo e fechando a boca: da boca-de-leão. Maria Reginato Labruciano |
| Antes do aguaceiro vem o trovão ribombando num aviso prévio. Alba Christina | Veja o prédio enorme abarrotado de gente. Dia do Arquiteto. Fernando Vasconcelos | Família reunida louva o menino Jesus! Ceia de Natal. Nadyr Leme Ganzert |
| Eis a piracema!!! Peixes, afitos, se tocam na dança do amor... Amália Marie G. Bornheim | No alvo prado, dentre as diversas flores, o copo-de-leite. Hélcio Durso | A casa de praia... Turistas vindos de longe disputam uma vaga. Olíria Alvarenga |
| Contraste verde copo-de-leite no brejo exibe o sol. Amari do Amaral Campos | Amêndoas, castanhas, o vinho lembra Jesus... Ceia de Natal!... Hermoclydes S. Franco | No meio do mato, um passarinho festeja. Araçá maduro. Regina Célia de Andrade |
| Na trilha, o escorpião aparece de repente e as crianças fogem. Analice Feitosa de Lima | Arco-íris no céu! De vestido colorido a chuva se enfeita! Humberto Del Maestro | Cheiro de churrasco. No Dia do Jornaleiro, banquete na banca. Renata Paccolla |
| Jardim esquecido; forasteiro de passagem... dália em suas mãos... Anita Thomaz Folmann | Ceia de Natal, desejos de paz e amor. É noite feliz. João Batista Serra | Casa de praia O sol e o vento são os meus convidados. Sérgio Francisco Pichorim |
| No meio dos galhos pequena teia escondida aguarda o jantar. Cecy Tupinambá Ulhôa | Luz brilho de paz atenção à festa de fogos carinhoso no céu... José Roberto de Oliveira | Quintal de vizinho. Ouço-o malizier o vento – chão de acerolas Sérgio de Jesus Luizato |
| Menino feliz. Na ponta do anzol o prêmio: lambari fígado. Darly O. Barros | O sol projeta círculo na areia é meio-dia. Larissa Lacerda Menendez | A mesa posta: aipim, arroz, surubim. Pescador gosta. Sérgio Serra |
| Ribomba o trovão, a chuva desce pesada. Natureza chora... Denise Cataldi | Hibisco em tetraço, atrai olhares passando... – Plact! – também, do gato... Leonilda Hilgenberg Justus | Barulho do mar. Sombra em meio a tanto sol: – guarda-sol armado! Sílvia Barbosa Natal |
| Com sinos púrpúros presenteio meu amor. – Feixe de campânulas – Diego Brito Souza | Ceia de Natal. – E, à mesa – entre os convidados – ausência e saudade... Maria Madalena Ferreira | Sob tábuas, tijolos, na calma do jardim úmido, o escorpião espreeita. Walma da Costa Barros |



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

**Remeter até 30.12.03, quigos à escolha:
Dia do Turismo, Graúna, Laranja-lima.**

Remeter até 30.01.04, quigos escolha:
Dia do Lava Pés, Jandaia, Sereno.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientamos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenezad@ig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
- Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para o haicista, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel), e em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL ° – **TREVO PERSONAGEM** *

Champanhe na mesa, *
um casal enamorado...
Djalda Winter Santos

Retrato da vida *
no Dia do Salva-vidas:
– Há perigo à vista!...
Ercy M. M. de Faria

Choras! Nos teus olhos *
luz de um arco-íris trisca tua alma molhada.
João Elias dos Santos

Postal havaiano: *
morena traz nos cabelos campânulas rubras.
Walma da Costa Barros

| HAICUS | | EM FOLHA |
|---|---|---|
| Na ponta de um galho balança, a manga madura – desafio ao vento. Maria Reginato Labruciano | Velas iluminam, faces repletas de fé... na Missa do Galo. Elen de Novaes Felix | A mão da neblina, envolve as mangas maduras, em véu de cristal. Elen de Novaes Felix |
| A família guarda uma antiga tradição: a Missa do Galo. Djalda Winter Santos | Descuido fatal: na iguaria sobre a mesa barata atolada... Darly O. Barros | Um perfume novo na saladeira de frutas: é tempo de manga. Alba Christina |
| Corre espavorida, fugindo do meu chinelo: barata nojentia! Djalda Winter Santos | Beijo lambuzado, Embaixo do pé de manga, menino contente. Látia Lacerda Menendez | Manjedoura fria... um Corpinho envolto em luzes... Missa do Galo. Anita Thomaz Folmann |
| Mangas bem maduras: cerca de arame farpado. Alguém vigilante. Anita Thomaz Folmann | Nas bancas de frutas show de cores e perfumes. Mangas suculentas. Darly O. Barros | Pendentes do galho, as mangas amarelinhas... – Boca cheia d'água! Humberto Del Maestro |
| Sorriso amarelo. Gente ri, comendo manga: fiapo no dente. Látia Lacerda Menendez | Cozinha às escuras, de repente claridade... baratas ligeiras. Anita Thomaz Folmann | Na Missa do Galo, cristãos, com fé e humildade, louvaram ao Senhor. Amália Marie G. Bornheim |
| Tempos atuais: Missa do Galo rezada até sete da noite. Walma da Costa Barros | O sino badala, contritos vão à igreja, à Missa do Galo. Maria Apo. Picanço Goulart | As cores do ceceo pintam a manga madura: rosado – amarelo. Análise Villega Santos |
| Nos degraus de Igreja a miséria pede esmola. E é a Missa do Galo... Darly O. Barros | Depois do toro, gritos disputam as mangas, nos galhos vergados... Amália Marie G. Bornheim | As moças gritando e subindo nas cadeiras, barata no chão. Maria Apo. Picanço Goulart |
| A noite esta quente – barata atravessa a sala em voo rasanté. Maria Reginato Labruciano | A barata morta levada pela vassoura: barriga pra cima. Renata Paccolla | Na ponta do galho u' a manga apetitosa balança ao vento. Cecy Tupinambá Ulhôa |
| Orquestra a postos, Na igreja iluminada, a Missa do Galo. Cecy Tupinambá Ulhôa | Logo após a ceia, a televisão ligada na Missa do Galo. Alba Christina | Gritando assustada, a menina sai correndo, da enorme barata. Analice Feitosa de Lima |
| A boca cor de ouro. E o menino lambuzado vai comendo a manga. Analice Feitosa de Lima | Manga pendurada num galho muito baixo. Guri aproveita... João Batista Serra | Exaliam perfume as mangas-rosa maduras pendentes do pé. Walma da Costa Barros |